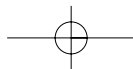
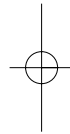
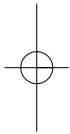


Albertino Calamote

# Dor e Poesia

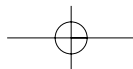
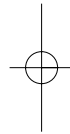
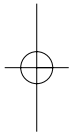
sonetos

Edições Colibri  
LISBOA



# **Dor e Poesia**

sonetos



Colecção: TRIBUNA LIVRE

Livros publicados:

<i>Das Pedras</i> <i>Também Brota Água</i> Jerónimo Nogueira	<i>Quarenta e duas cartas</i> <i>(que não de amor)</i> Fátima Andersen
<i>Amores Imperfeitos</i> <i>e a Forma da Fala Sonhada</i> <i>no Mundo às Avessas</i> Fátima Andersen	<i>Cursivo Menor</i> António Vera
<i>Rósea Lítania</i> Maria do Sameiro Barroso	<i>Flauta de Pan</i> Nicolau Saião
<i>Ares de Lume</i> Jerónimo Nogueira	<i>Névoa com Flor Azul no Meio</i> Dimíter Ánguelov
<i>Rato do Campo...</i> Carlos Garcia de Castro	<i>Fi-Luso-Fando</i> Jorge Chichorro Rodrigues
<i>Mundo Entretecido</i> Ana Viana	<i>Partitura</i> <i>"Como se a finitude fosse eterna,</i> <i>sabendo-se que não o é"</i> Fátima Andersen
<i>Murmúrios</i> Alberto T. Assunção	<i>Dor e Poesia: sonetos</i> Albertino Calamote

Edições Colibri  
Faculdade de Letras de Lisboa  
Alameda da Universidade  
1699-214 LISBOA

Tel/Fax 796 40 38  
Internet: [www.edi-colibri.pt](http://www.edi-colibri.pt)  
E-Mail: [colibri@edi-colibri.pt](mailto:colibri@edi-colibri.pt)

Albertino Calamote

# **Dor e Poesia**

sonetos

Edições Colibri  
LISBOA

BIBLIOTECA NACIONAL  
Catalogação na Publicação

Calamote, Albertino, 1937-

Dor e poesia : sonetos . - (Tribuna  
livre)

ISBN 972-772-105-2

CDU 821.134.3-1"19"

Título	<i>Dor e Poesia - sonetos</i>
Autor	Albertino Calamote
Colecção	Tribuna Livre
©	Autor e Edições Colibri
Editor	Fernando Mão de Ferro
Paginação e capa*	Albertino Calamote
Execução gráfica	Colibri - Artes Gráficas
ISBN	972-772-105-2
Depósito Legal	142 557/99
Tiragem	400 exemplares
Lisboa	Novembro de 1999

---

\* Capa sobre desenho de José da Fonte Santa, in FONTE SANTA, José da, *Magia Alentejana: poesia e desenhos*. Lisboa, Edições Colibri, 1999 (Por amável gentileza da família, que penhoradamente agradecemos.)

## Nota prévia

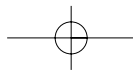
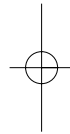
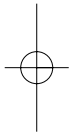
Mais do que correr o risco desta ousadia ser tomada como pretensão de patentearmos algum jeito para um género tão elevado e clássico, como é o soneto, este escrito teve a ver com uma necessidade interior de expressarmos, por esta forma, sentimentos verdadeiros, verosímeis ou apenas ansiados que marcaram vinte anos determinantes da nossa vida.

Disse Octávio Paz: «aberto ou cerrado, o poema exige a abolição do poeta que o escreve e o nascimento do poeta que o lê». Esta afirmação, vinda de onde vem, põe-nos confiantes numa condescendente sensibilidade poética de quem porventura nos leia, e como que cauciona a divulgação do nosso trabalho.

Este livro, porém, só pôde ver a luz do dia porque o Dr. Fernando Mão de Ferro, num gesto de amizade que nos honra, não hesitou em o chamar às Edições Colibri, incluindo-o na sua já longa lista de publicações.

Muito obrigado.

O autor



## Dor e Poesia

Dor e Poesia andam de mãos dadas  
E de paredes meias com a tristeza;  
São o choro e o canto que a Natureza  
Concedeu às almas amarguradas.

Quando da Dor se ouvem as passadas,  
Vem a Poesia com sua leveza:  
As duas se juntam, com subtileza,  
A invocar as horas desventuradas.

É assim que eu facilmente versejo,  
Pois meu sofrer é quem faz os poemas.  
As mágoas que guardo em meu coração

São as rimas que preciso e desejo.  
Vem da Dor a inspiração de meus temas;  
Da Poesia a sua forma e expressão.

1988

## Sonho

Hoje tive um sonho de liberdade  
Qu'embevecido devorei no sono:  
Vivi-o por radiosa liberdade,  
Num êxtase de total abandono.

Vi mil homens radiantes de mãos dadas,  
Sorrindo e sempre a caminhar em frente...  
Vi belas flores, de orvalho lavadas,  
A brilhar nas lapelas dessa gente...

E pelos campos brotavam mil fontes!  
E as urzes floriam nas encostas!  
O próprio Sol derretia-se em brilho...

De súbito fiquei sem horizontes:  
Inesperado pontapé nas costas  
Indicava que acordara o meu filho!

1974

## Ventos de mudança

Anunciaram-se ventos de mudança  
Que acordaram o homem hibernado.  
Imenso dilúvio de confiança  
Deixou esse homem embriagado!

E achou que já era verde o prado;  
E julgou ter voltado a ser criança,  
E encontrou que o prato da balança  
Iria pender para o seu lado!

Porém, a realidade o iludiu,  
Porque os ventos em breve se amainaram  
E apenas leve aura o beijou...

Daquele sonho lindo que sentiu,  
Dos promissores ventos que sopraram,  
Nada mais do que o sonho lhe ficou!

1974

## Angola

Calaram-se, finalmente, os canhões  
Que da Lusitânia vinham, então:  
Ressuscitou o deus das nações  
P'ra dar ao mundo uma nova nação.

E pudera, esse deus, no coração  
De todos substituir a macabra,  
Bélica e mortífera voz do canhão,  
Por fraternal e suave palavra

Que a todos trouxesse paz e sossego,  
Escola, amor e liberdade e pão,  
E saúde , tecto, alegria, emprego...

Que devolvesse o sono aos homens bons,  
E que, das queixas desta geração,  
Nunca, nunca mais se ouvissem os sons!

1975

## Tempo

Atrás de tempo, tempo vem.  
Feliz ditado e verdade atroz,  
Pois em mal se faz o que estava bem  
E em alheio o que pertencia a nós.

O eco nos vem devolver a voz,  
Mas não nos devolve a daquele alguém  
Em quem pensamos quando estamos sós,  
(Fazendo da solidão entretém).

Ah!, mas eu vou lançar minhas vigias  
Ao longo das muralhas da mudança,  
Para auscultar ventos e maresias...

O Futuro (que lá vem sem tardança),  
Assoma no horizonte dos dias:  
Traz lá tempo de amor e de esperança!

1975

## Jeito de poeta

Quisera ter olhos de poeta  
Para ver flores onde só há cardos;  
Para ver canteiros sobre a valeta,  
Para ver gente onde só há escravos.

Quisera ter ouvidos de poeta,  
E, com chilreios e outros sons puros,  
Compor uma sinfonia completa  
P'ra unir as almas adentro dos muros.

Quisera ter um jeito de poeta,  
Para nunca me tomarem a sério  
E para iludir, ledó, a realidade...

Quisera ter a dimensão correcta,  
Quisera ter o exacto critério  
P'ra analisar a minha sociedade!

1976

## Falência

Um dia, da minha empresa falida,  
Resolvi fazer uma avaliação.  
Feito um furo na parede da vida,  
Comecei a fazer observação:

A chuva, abrindo os telhados, entrou;  
O vendaval entortou as empenas;  
A ferrugem as vigas atacou  
E a coruja ali foi largar as penas!

Era lá o antro dos marginais;  
Ali cantara, a musa da miséria,  
Músicas de vento na noite escura...

Deliciavam-se os vermes fecais,  
Fazendo a depredação da matéria  
Qu' integrava a minha podre estrutura!

1976

## Politiquice

«... Discutindo na senda da unidade,  
Foi cada assunto muito bem esclarecido;  
O ambiente era de cordialidade,  
Sempre tudo foi muito positivo ...»

Entra, porém, na cena uma verdade  
Que lesa os interesses do partido:  
Democracia, Luta, Liberdade,  
Ficam palavras ocas, sem sentido!

E (dizem-me) não há Inquisição!  
Quase o acredito, à fé de quem sou...  
Oh!, mas porque será que desconfio

Desta frágil tábua de salvação  
Onde, sem vela e sem rumo eu vou,  
Teimoso, teimando subir o rio?

1977

## Testemunho

Assisti ao gastar da minha força,  
Assisti a chuvas de ferro e fogo,  
Assisti a uma vida má, comborça,  
Assisti a este maldito jogo!

Assisti à traição, à cobardia,  
Assisti aos esgares dos sem-cor,  
Assisti à «razão» da tirania,  
Assisti ao regresso feito dor!

Assisti à depredação da herança,  
Assisti ao estertor da confiança,  
Assisti à morte da fé na Terra!

- Deus, a que mais assistirei ainda?  
(O mal continua, a vida não finda,  
E eu não quero, nunca mais, ir à guerra!)

1977

## Andorinha

Andorinha que andas rasgando os ares,  
Desce do firmamento, vem falar-me,  
Quero perguntar-te pelos lugares,  
Donde o amor me obrigou a retirar-me.

Mas, andorinha, não venhas contar-me  
Histórias comezinhas e vulgares.  
Quero notícias destes meus pesares;  
Das angústias por que ando a arrastar-me!

Então, não queiras vir, doce andorinha:  
Voa, de volta à tua imensidade,  
Que eu prefiro continuar com a saudade

De uma felicidade que foi minha,  
Do que saber o que o peito adivinha...  
Esquece, andorinha, voa à vontade!

1977

## Vã saudade

Esta noite Vigil venceu Morfeu  
E deu-me sonhos de irreal repletos:  
Com um arado de falos erectos  
Sulquei, bem no fundo, teu ventre ateu.

Mas a semente outros frutos não deu  
Que alguns monstruosos, horrendos fetos,  
De semblantes tão feios e abjectos  
Que o Amor se riu deste sonho meu.

Se não faltasse aqui a realidade,  
Nesta visão de um macabro profundo,  
Restaria apelar para a Verdade,

Esventrar as trevas do fim do mundo,  
Esmagar, aos pés, esta vã saudade  
Com que me eu enlouqueço e confundo!

1978

## Galope

Eras o meu cavalo e eu montei-te,  
Penetrei teu dorso com minha espora.  
Meti-te o freio nos dentes e larguei-te:  
Juntos galopámos p'la noite fora.

Eras uma roxa, madura amora.  
De mim esperavas túmido deleite...  
Eu punha-te miosótis por enfeite  
E dava-te a vida naquela hora.

E o céu abria-se só para nós;  
Os anjos cantavam à nossa beira  
Cantigas de amor e felicidade...

Oh!, mas eis que ambos estávamos sós,  
Ambos galopando à sua maneira:  
Eu no sonho e tu na realidade!

1980

## Aprendiz de poeta

Por ti tornei-me aprendiz de poeta,  
Porque este querer só tem cabimento  
Num conserto de alma, num sentimento  
Que só na fantasia se interpreta.

Só onde houver liberdade completa  
(como nas asas do meu pensamento),  
Eu te posso ter a cada momento:  
Embora irreal, para mim concreta.

Só assim vou cantando o meu segredo,  
Num misto de sonho e felicidade  
De que acordarei mais tarde ou mais cedo...

Oh!, enquanto enganar a realidade,  
Enquanto de perder-te tiver medo,  
Não quero ser poeta de verdade!

1980

## Musas

As horas passam por mim, vacilantes,  
A manhã avançando lentamente,  
E eu, rendido ao amor, docemente,  
Imploro a ajuda das musas distantes.

Peço versos belos, ricos, sonantes,  
De meigas palavras, de som indolente;  
Versos magoados, tristes, dos amantes  
Que amam a sós, a coberto da gente.

Elas me ajudam, as musas do amor.  
Porém, seu poder é bem limitado  
E é remédio que não tira a dor...

Oh!, se nas rimas as sinto a meu lado,  
Não me apagam esta mágoa interior  
De me saber de ti tão afastado!

1980

## Sensualidade

Não controlo, amor, a sensualidade  
Que esse teu corpo sobre mim derrama:  
É um fogo que arde com tal chama  
Que ressuscita a minha mocidade!

Ele faz-me marginal da sociedade,  
Dando-me sonhos que a moral açama,  
E um coração jovem que reclama  
Os direitos da adolescente idade!

O direito de te ter sem receio,  
De amar-te sem peias e sem enleio,  
Sem as diferenças que nos separam...

O direito de poder abraçar-te,  
De dizer «amo-te» em toda a parte,  
De não ligar aos anos que passaram!

1980

## Chama

Começo a viver já noite cerrada  
A ilusão de um sonho proibido:  
Beijos mil se me escapam do sentido,  
P'ra ti fogem em louca cavalgada.

Como sabres varando a madrugada,  
Meus ais são um permanente gemido:  
Assim me encontro, assim fico perdido  
Num amor imenso, cheio de nada.

É gemendo, e carpindo, e suspirando,  
E permanecendo em sonho, esperando  
O que não é passível de chegar.

É acreditar, até não sei quando,  
Que esta chama que me vai devorando,  
A ti vá, ao menos, aconchegar!

1980

## Sou um rei

Sou um rei até ao raiar da aurora,  
Reino, acordado, quando a noite avança.  
Abraço-te forte, e, em louca dança,  
Contigo bailo pela noite fora.

És minha, apenas minha nessa hora:  
Teu corpo abandonado em mim descansa.  
Formamos uma prece, uma esperança,  
Uma ampola de luz que se evapora.

E sinto o vigor do tempo que passa,  
A chuva que escorre pela vidraça,  
O canto do rouxinol ao morrer...

E a real coroa que me enlaça,  
A ternura que me beija e abraça,  
Sinto que se vão ao amanhecer!

1980

## Chove na estrada

A chuva hoje fez-me companhia,  
Veio quando eu esperava a madrugada:  
Chegou triste, amorosa, envergonhada,  
Solidária à minha melancolia.

É que ela, a chuva, somente sabia  
A noite dos poetas estrelada...  
Mas em breve eu a fiz cantar na estrada,  
Enchendo a noite toda de poesia!

Disse-lhe que as musas se banhavam  
Nos luzentes fios vindos do céu,  
Enquanto os amantes se entregavam...

(Só não lhe disse que a chuva e o breu  
Eram eles que, hoje, torturavam  
O infeliz poeta que sou eu!)

1980

## Ao telefone

Quando esse fio de voz nos uniu,  
Senti-me vencer p'la sensualidade,  
E voltou-me o sangue da mocidade  
Enquanto a distância se diluíu.

Tua voz foi o corpo que se abriu;  
Tua palavra, o ritmo da verdade,  
E eu, o encobridor da realidade  
No amplexo de amor que se seguiu.

Mas ficou uma tristeza bem profunda  
Que neste meu peito arranhou morada  
E não se esvai, por mais que me contunda:

- Porque eras tão perto e tão afastada,  
A seiva que de mim jorrou, fecunda,  
Caíu p'ra fora da terra lavrada!

1980

## Rejuvenescimento

Há alturas eu que eu reassumo  
De novo os fulgores da juventude,  
E sinto, em toda a sua plenitude,  
Os tenros anos brotar dentre o fumo

Das brumas do tempo em que me consumo.  
É dessa ilusão tão doce a quietude,  
Tal o encanto de alma, que se ilude  
Esta idade a que me não acostumo.

Vem-me de ti o renovar que sinto,  
O fogo que põe a face carmim,  
O quadro alegre que da vida pinto...

A Primavera que renasce em mim,  
É fruto dum amor puro e distinto,  
Filho duma juventude sem fim!

1981

## Ir contigo

Esta noite Morfeu fez-me a vontade  
Proporcionando-me sonhos de amor.  
Fui jovem, fui amante, fui senhor:  
Levei os desejos à saciedade!

Mesmo efémera, esta felicidade  
É, para mim, um bálsamo para a dor:  
Faz-me esperar o sonho enganador  
E dá-me o que me tira a realidade.

Meu Deus, queria continuar sonhando;  
Estar neste engano todos os teus dias!  
Não acordar, senão de vez em quando

Para ir espreitar as campas vazias...  
E, quando à tua estivesse baixando,  
Ir contigo dormir nas terras frias!

1981

## Sonhador

Sempre na vida fui um sonhador,  
Tudo o que por mim passou foi etéreo;  
Sempre levei a ilusão a sério,  
E com ela encobri mágoas e dor.

Nunca vi a realidade a rigor:  
Olhei-a desconfiado e aéreo...  
Ocupei o trono de um império  
Feito de névoa e brumas de amor.

Quis elevar-me até à tua altura,  
Embrenhando-me num sonho inocente...  
(Sonho maravilhoso qu'inda dura,

Porque creio religiosamente  
Que sonho é realidade futura,  
E que eu serei feliz futuramente!)

1981

## Fome de amor

O calor de um seio de veludo,  
Esmagado de encontro ao nosso peito,  
Conforta-nos a alma de tal jeito  
Que a vida toma novo conteúdo.

Ama-se o chão, o ar, ama-se tudo:  
O mundo térreo parece perfeito,  
O coração aperta, fica estreito,  
O amor pasma e queda-se mudo!

É sensação ímpar, esse calor;  
Coloca-me asas, faz-me voar alto:  
A minha idade ergue-se com vigor

E estende carpetes sobre o basalto  
Negro desta negra fome de amor  
Que me persegue e me toma de assalto!

1981

## Quisera...

Quisera ter um portentoso verso  
Que invertesse o andamento do mundo,  
Que me levasse este sofrer profundo  
E subjugasse o meu destino adverso.

Quisera que o meu Eu fosse diverso:  
Esguio e alto (e não baixo e rotundo);  
Jovial, alegre (não medítábundo):  
Conjugar em mim o génio disperso!

Quisera que pudesse estar contigo  
No mar alto, vogando a todo o pano  
Até onde encontrássemos abrigo

Onde calar o meu canto profano...  
- Para mim bastava como castigo  
A doce ilusão deste puro engano!

1981

## Desabafo

Quando a tristeza chega vens com ela  
Pôr à prova o meu coração doente.  
A um tempo fico triste e contente,  
Sinto-me no éter e na viela!

Vogo, calmo, sobre um mar de procela,  
Desprezando vendavais, indiferente!  
A poesia é a minha confidente,  
É poetando que vejo a vida bela!

Dependo de ti em cada minuto;  
Condiciona-me a vida o teu amor.  
Enfrento meu Destino, resoluto,

Esgrimindo nas trevas com vigor.  
Mas não alcanço o proibido fruto  
Que me mistura a alegria com a dor!

1981

## Timidez

Senti a timidez dos verdes anos  
Agitar meu coração inocente.  
Senti o meu sangue pular, fervente,  
No mais alto dos desejos humanos.

Senti os anseios mais puritanos  
Assumirem-se em mim, completamente.  
Senti que era o mais feliz, entre a gente  
Que passa na via dos desenganos.

Foi isto apenas por estar contigo,  
Por te ouvir e te ver junto de mim...  
Receber o olhar, o riso amigo,

Sentir o teu corpo tão perto assim,  
É supremo dom que sempre bendigo:  
Primavera neste Outono sem fim!

1981

## Mãe

Tiveste três filhos, querida Mãe:  
Três vezes viste raiar a esperança  
Em uma vivência cálida e mansa  
(E numa morte tranquila também!).

A vida nem sempre é bela, porém,  
E aos bons ela trai a confiança:  
As ilusões que temos na pujança  
Transformam-se quando a velhice vem.

Quando chegou, Mãe, a última hora,  
A tua vida acabou-se na dor...  
E fora de casa, dos filhos fora,

Só viste ingratidão, em vez de amor.  
... E em mim ficou, quando foste embora,  
Esta infelicidade, este amargor!

1982

## Erosão

Lagos, que é da tua individualidade?  
Porque falam estrangeiro em cada esquina?  
Porquê, tuas praias de areia fina  
Escondem nossa nacionalidade?

Fruto dos tempos desta nova idade,  
Progresso que avassala e que domina:  
Funde as gentes, fronteiras elimina,  
Impondo-nos a nova realidade!

Dilema que em mim se põe e instala,  
Deixando-me no peito esta tristeza:  
É a raça dos infantes que abala;

São magriços que perdem a nobreza,  
É de dilúvio a erosão na fala...  
São achas na lusa fogueira acesa!

1982

## Quimera

Quando te instalas no meu pensamento,  
Logo o meu sangue fervente palpita,  
E o meu estro acorda e se excita:  
Fico aberto ao sonho nesse momento!

Flutuo no espaço, balouço ao vento;  
Paladino duma ilusão bendita,  
E a quimera que em mim habita  
É p'ra mim um saboroso alimento

Que sacia, estimula e revigora,  
Me mostra o paraíso em cada hora  
E na noite escura me aponta o Norte...

Adoro este sonho que se evapora,  
Porque me faz julgar homem de sorte  
Por ter da felicidade um recorte!

1982

## Fazer anos

Fazer anos não é o que imaginas!  
Não é só soprar nas acesas velas!  
Não é o êxtase das prendas belas,  
Nem voar sobre um prado de boninas!

É cobrir o peito de malhas finas,  
Para poder resistir às procelas  
Quando, timoneiro de caravelas,  
Conheceres as auras sibilinas!

Fazer anos é arranjar couraça:  
Defesas que enfrentem e que domem  
Tudo que traga o sinal da desgraça...

É vencer os dias que se consomem;  
É suportar cada ano que passa...  
- Fazer anos é modelar o homem!

1982

## Antítese

Que elos são estes, que fino aço,  
Fazem amarra tão forte e tão dura?  
Que sonhos subtis, errantes no espaço,  
Fazem desta dor a minha ventura?

Alegre tristeza, doce amargura,  
Me faz correr e moderar o passo...  
De mim tão próxima, de ti lonjura:  
Juntos e afastados num abraço!

Poeta não sou, mas sê-lo quem dera!  
Ter as musas todas à minha espera,  
Cantar o que este meu coração sente...

Dar-te as flores todas da Primavera,  
Ungir-te de aromas, nesta quimera  
De continuar tão perto e tão ausente!

1983

## Cavaleiro andante

Insuspeito, imperecível amor,  
Este que tem morada no meu peito!  
Amor de brumas e de ilusões feito,  
Um gostar de sofrimento e de dor!

É querer o que não está ao dispor;  
Ambição desmedida e sem preceito,  
Esta com que me levanto e me deito,  
E me faz velho, triste e sonhador!

E como o melhor está sempre p'ra vir,  
Face ao presente eu prefiro fingir  
Que há uma realidade só minha...

É que, com este meu sonho d'infante  
Poderei ser um cavaleiro andante  
Terçando armas pela sua rainha!

1983

## Impacto

Têm mais valor estes breves instantes  
Duma agradável presença a meu lado,  
Que mil anos deste viver marcado  
Por teimosos pensamentos errantes.

Felizmente que a vida tem cambiantes  
Que alteram o rumo antes traçado;  
E eu, que sucumbia, amargurado,  
Sinto novas forças revigorantes.

Esvaída aquela melancolia,  
Que durava desde que te não via,  
Retomei o fulgor da juventude,

E, ao calor dos olhos em contacto,  
Eu senti na alma todo o impacto  
Daquilo que quis ter e nunca pude!

1983

## Confusão

Assim que me afloras ao pensamento  
Em mim avulta um prazer incontido;  
O desejo incendeia-me o sentido:  
Não posso mais travar o sentimento!

Como vela batida pelo vento  
No mar alto, com o Norte perdido,  
Da vida afastado, ao sonho rendido,  
Sou a nuvem negra de um céu cinzento!

Confuso, sem saber qual a razão  
Por que assim abro e dou meu coração,  
Tentando crer no que sei ser quimera...

Eu vivo meu crepúsculo vespertino  
Sem ver o Outono que vem, repentino...  
Outono que pinto de Primavera!

1983

## Só tu

Só o que vem de ti me satisfaz,  
Afiro a perfeição p'la tua imagem,  
Sou turista em permanente viagem  
À cata de amor e em busca de paz.

Eu sei bem como só tu és capaz  
De me trazer a euforia de um pagem,  
De operar em mim tamanha viragem  
Que eu sinto a idade voltar para trás.

Só tu pões luz na minha noite escura  
E alentas o meu corpo cansado.  
Também és tu, com tua formosura,

Que pões amor neste viver pesado  
Com que eu adio e calo a desventura  
Duma ânsia sem fim nem resultado!

1983

## Pai

Naquele domingo, após o almoço,  
A negra dama das horas marcadas  
Esperou por ti no vão das escadas  
Para te prostrar, partindo o pescoço.

Foi aí, entre o choque e o alvoroço,  
O fim de nove décadas crivadas  
De esperanças vãs, de mil lutas eivadas  
Das traições dum destino parco e grosso.

Vale bem pouco esta vida do homem!  
São meras ilusões, que se consomem  
Em sonhos desfeitos num só momento!

É por isso, meu Pai, que eu acredito  
Ser a vida uma falácia do espírito,  
Alojada no nosso pensamento!

1983

## Melancolia

Só faço magoados versos de amor!  
Estro meu, este, que apenas funciona  
Quando alguma tristeza vem à tona,  
Povoando-me o peito de amargor!

Só assim, alheio à luz e à cor,  
O meu ego poeta se emociona,  
Se abraça à ilusão e se abandona  
À angústia de um viver sem calor.

Da tristeza me vem a inspiração,  
E, quando dos versos vou lançar mão,  
O tema se repete, invariável:

Ilusão de um desejo que em mim vive,  
Ambição num amor que me coíbe,  
Quimera duma vida abominável!

1983

## Exigência

Rejeito a seiva que me queima o ser,  
Expelindo jactos de chama ardente;  
Recuso a moral dum mundo doente  
Que me não deixa amar e faz sofrer.

Reclamo a liberdade de te ter  
Ao sol, à chuva e à vista da gente.  
Refuto os sinais do meu sol-poente,  
Porque m' imagino ao alvorecer.

Quero fazer jus a uma ilusão;  
Quero soltar-me das escravas peias;  
Quero saciar a minha carne impura,

E ser homem, ser eu e dizer «Não!»  
Quero ter a verdade sem cadeias,  
Quero o teu corpo numa cama dura!

1987

## Farto

Diz-me, Senhor, por que fiquei de fora  
Da aba protectora do teu manto:  
Desabrigado e submetido ao pranto  
Nesta longa noite, sem ver a aurora!

Diz-me, Senhor, se quando um homem chora,  
Sentes confranger teu coração santo,  
Apiedado da dor e do quebranto  
Que consome o homem naquela hora!

E perdoa-me, de eu duvidar  
Daquilo que me ensinaram de ti,  
Noutros tempos, felizes, de criança:

É que, bom Deus, farto estou de esperar,  
Farto estou desta vida que vivi...  
Até estou farto de ter esperança!

1987

## À deriva

Viajo no alto mar sem ter rumo,  
Impelido sou por todos os ventos.  
Arreio as velas, ignoro instrumentos,  
Ando à deriva sem achar arrumo.

Nesta mágoa imensa na qual consumo  
Minha frágil nau de descobrimentos,  
Não há conquistas, não há achamentos,  
Só há escolhos encobertos no fumo.

Barco fantástico, este em que eu navego;  
Fardo da vida, este que eu carrego,  
Como se poderoso fosse e forte...

Acreditei num deus que é surdo e cego,  
Que não ouve as preces com que me apego,  
Que não vê como é tão fraco o meu porte!

1987

## Adultério

O Destino pediu namoro à Sorte,  
Queriam formar o casal perfeito.  
O querer era firme, o amor forte:  
Dois corações a bater num só peito!

Fizeram o juramento a preceito:  
Fidelidade eterna até à morte.  
O amor era o potente suporte  
Do casamento deste par eleito.

Mas a Sorte também tem seu destino  
E o Destino a sorte não tem segura.  
Surge a Doença, implacável e dura,

A invejar este amor puro e divino:  
Meteu-se entre eles. - Acto adúlterino  
Que condenou a Sorte à sepultura!

1987

## Balanço

Fiz um balanço dos cinquenta anos  
Que acusa o bilhete de identidade:  
Contabilizei tudo e, na realidade,  
O saldo é passivo e só mostra danos.

Deficitário em proveitos humanos,  
Eu sou desde o fundo da mocidade;  
Tudo o que investi na felicidade  
Consumiu-se em mágoas e desenganos.

P'ra quê, então, manter-me em tais negócios,  
Se estou, assim, à beira da falência,  
Sem lucros p'ra dividir com os sócios?

O que me resta é deixar a «gerência»,  
Sustentar-me do fruto dos meus ócios,  
Concentrar recursos nesta impotência!

1987

## Injustiça

Tanta gente feliz passa por mim!  
Como deu Deus tanta felicidade  
À gente que vagueia p'la cidade  
E me deu esta tristeza sem fim?

Onde se viu uma injustiça assim?!  
Como crer que, donde mora a bondade,  
Venha tão flagrante desigualdade,  
Dando a uns o bom, e a nós o ruim?!

Não é este o deus em que acreditei:  
O outro era a bondade e era o amor!  
Amava o justo, amava o pecador,

A todos aplicava a mesma lei!  
Porém, o que assim governa, não sei  
Porque paga a adoração com a dor!

1987

## Vida e Morte

Não importa saber por quê a vida  
Tem que desembocar sempre na morte,  
Mostrando, o viver, diverso recorte,  
Enchendo, o morrer, sempre igual medida.

Pode viver-se em insana corrida,  
E chegar ao fim sem perder o Norte;  
Pode fraquejar-se, sendo-se forte,  
E tombar antes da meta atingida.

Mas a Morte não tem esta mudança:  
É matemática, exacta, fatal.  
No viver há ilusão e esperança;

No morrer tudo é certo e mais leal.  
A Morte nunca trai a confiança;  
A Vida só é fiel no final!

1987

## Nada!

Nunca tive senão sonho e quimera!  
Nunca fui feliz no certo tamanho!  
O amor sempre p'ra mim foi um estranho  
E a felicidade sempre austera!

Ceguei ao Outono sem Primavera!  
Venci a meta sem nada ter ganho!  
Hoje, mesmo correndo não apanho  
O que, parado, alcançar eu pudera!

Passei p'la vida sem ter um passado!  
Gastei anos ignorando o presente!  
Carreguei um lenho forte e pesado,

E só aprendi que há no mundo gente  
Com destino tão triste e desgraçado  
Que até o sonho se lhe não consente!

1987

## Insaciedade

A chama interior que me devora  
O coração, a carne e os sentidos,  
(Recheada de desejos contidos)  
Sinto que se perdeu até agora.

Não me deu o calor que revigora,  
Nem o bafejar de corpos unidos,  
Mas momentos de solidão sofridos:  
Pedaços de vida jogados fora!

Quem me dera ser cavaleiro andante,  
Cravar esporas por essas montadas  
E voltar a ser eu no mesmo instante!

Quem me dera pôr, p'las terras lavradas,  
A semente que em mim sinto abundante,  
E voltar só com as messes sazonadas!

1987

## Natal

Ouvi rir lá fora, onde hoje é Natal!  
Anima-se a mangedoura vetusta:  
Deu à luz a parturiente augusta,  
Veio ao mundo quem vencerá o Mal!

Riem lá fora, e estou no hospital!  
A estrela de Belém fere e assusta  
Quem tem esta sina má e injusta  
De esperar, sem esperança, o seu final!

Por que é assim este mundo imperfeito?  
Que oração é precisa e que eu não sei?  
Tu, menino com poderes de rei,

Limpa a justiça de todo o defeito...  
Atenua esta mágoa no meu peito...  
Institui a Saúde como lei!

1987

## Mentira

É esta vida um grande sobe e desce,  
Carroucel d'alegrias e tristezas,  
Feira de imprevistos e de surpresas,  
Balouço qu'embala enquanto envelhece.

É a vida ilusão que desvanece,  
Floresta de enganos e de incertezas,  
Ecuridão de mil velas acesas,  
Promessa devolvida numa prece.

É a vida mentira mal contada  
E traição aos anseios da juventude...  
Uma fraude que engana e desilude

Os que comigo vão, por esta estrada,  
De braço dado, numa caminhada  
De que me quis livrar mas que não pude!

1987

## Anseio

Quero despojar-me desta tensão  
Que me oprime o peito e corta a vontade;  
Quero libertar-me desta ansiedade,  
E ter de novo amor no coração.

Quero levantar os olhos do chão,  
Quero ser cidadão doutra cidade,  
Quero dar, e ter reciprocidade:  
Fazer amor mas sem que o faça em vão.

Quero unir nossos corpos num abraço,  
Esmagar os teus seios no meu peito,  
Entrar dentro de ti bem ao meu jeito,

Sem ter que prestar contas do que faço...  
Quero ser eu a preencher um espaço  
Que só a mim compita por direito!

1987

## Ano Novo

Acaba um ano e logo outro começa.  
Continua esta eterna contradança  
De iludir as gentes com a «mudança»  
Do que nunca muda, embora pareça.

É cada novo ano uma nova promessa  
Que impele a retomar a confiança.  
É mais um desengano para a esperança,  
E, de novo, a desilusão regressa.

Ó mortal, deixa-te de calendários!  
Crê apenas no momento de agora!  
Se também sonháste, p'la vida fora,

E tivéste crenças e anseios vários,  
Não queiras viver estes meus calvários...  
Recusa o ano: manda-o embora!

1987

## Bruma

Amanheceu a cidade escondida  
Por um espesso manto de nevoeiro.  
Vem tão feio e tão triste, este Janeiro...  
Outro tão triste não tive na vida!

Achou-me entre a procela enfurecida,  
Com maus ventos a impelir meu veleiro:  
Rotas as velas, velho o timoneiro,  
Náufrago me viu, d'esperança perdida!

Negra bruma que se abateu em mim,  
Ofuscando o farol que me alumiava  
E que me deixou tão sem norte assim.

Alguém a lançou, tal qual uma clava  
Contra o inimigo, para lhe pôr fim.  
(Deus, nesse dia, não sei onde estava!)

1988

## Única saída

Nunca se sabe bem quando se gosta,  
Nem se conhece bem o que é amar  
Enquanto as feridas não estão a sangrar,  
Enquanto ainda é suave a encosta.

Só quando o ar do Estio vem e tosta  
A seara que está no campo a alourar,  
Receamos que o pão nos vá faltar  
E que a nossa mesa não seja posta.

Só me apercebi no fim desta vida  
Do amor que tive e já se perdeu;  
Só vi claro quando a morte venceu

E quando toda a esperança foi perdida!  
Agora, é a dor a única saída  
Do beco triste e escuro que sou eu!

1988

## Passos perdidos

Sinto que a vida me esgota os sentidos  
E me mostra grande e dura verdade:  
Já vou longe, no caminho da idade,  
E tantos foram os passos perdidos!

Sonhos desfeitos, desejos contidos,  
Amor vertido em forma de saudade...  
Força delida, falsa realidade  
Dos dias passados mas não vividos!

Olho para trás, e que vejo eu?  
Uma vida nua, um espaço vazio;  
Ao fundo um túnel, escuro de breu,

Onde me oculto e disfarço o meu cio.  
... Espaço negro, este, que é só meu,  
E tem as ilusões em que confio!

1988

## Abandono

Tirou-nos Deus sua mão protectora,  
Abandonando-nos a um triste fado:  
Depois de quase tudo nos ter dado,  
Tudo nos vai tirando, de hora a hora.

Quantos projectos feitos, vida fora!  
Tantas canseiras, no caminho andado,  
Para nada mais termos que um passado  
E a cruel realidade de agora!

- Para quê, Senhor? - Que mal te fizemos,  
Que nos deixáste, como por vingança,  
Sós no mar bravo, sem velas nem remos,

Nem piloto, nem sinais de bonança?  
Vê lá, Senhor, se acaso nem podemos  
Ter, ao menos, um pouco de esperança!

1988

## Erotismos

Eróticos aromas há no ar,  
E meu astro declina no Poente.  
De que serve meu sangue estar fervente  
Se não consigo erguer-me e caminhar?

A mim, apenas é dado sonhar  
Que posso ser igual à outra gente;  
Que um dia não serei mais carente,  
Que poderei, finalmente, acordar!

Ah!, se isso se tornar realidade,  
Não esbanjarei mais a sensualidade  
Nem usarei a minha seiva em vão!

Quero tomar o gosto à liberdade,  
Fazer ao meu corpo a sua vontade,  
Ser homem, sem o ser por minha mão!

1988

## Desespero

Dizem ser feio um homem a chorar.  
Porém, às vezes a tristeza é tanta,  
E a desgraça tanto se agiganta  
Que as forças acabam por faltar.

São as lágrimas coisa salutar,  
Se o desespero aparece e avança,  
Se o desgosto se chega e nos alcança,  
Se a boa estrela nos abandonar.

Deixem-me chorar enquanto puder,  
Porque não posso conter minha dor!  
O homem, que teve um dia mulher,

E dela recebeu frutos de amor,  
É muito natural que desespere  
Se a vir morrer sem se poder opor!

1988

## Promoção

Era uma vez um homem que queria  
Vencer a pobreza do nascimento:  
Trabalhador, e de saber sedento,  
Labutava e estudava noite e dia.

Estava já bem próxima a alegria  
De ver concretizado o seu intento,  
Quando o Destino estragou, num momento,  
Tudo o que há longos anos adquiria.

P'ra que serve, então, ser-se lutador,  
Querer mudar o que a sina ditou,  
Se se é pago com trizteza e com dor?

Quando pensei «a canseira acabou!»,  
E parei, dando graças ao Senhor,  
Abriu-se a porta, e a Desgraça entrou!

1988

## Deus ou o Diabo

Acumulo demência e adoração  
Neste pesado fardo que transporto.  
Deus e o Diabo trazem-me absorto,  
Num misto de revolta e devoção.

Não sei a qual culpar da situação,  
Nem a qual pedir remédio ou conforto.  
Em pleno temporal, negado o porto,  
Duvido até da própria oração.

E prostrado espero, à beira do abismo  
(Antes de me lançar à profundura),  
Por um milagre ou por um exorcismo

Que traga luz a esta noite escura,  
Que devolva a fé a este ateísmo,  
Que me afaste do espectro da loucura!

1988

## Luz verde

Errando a esmo, demando um destino,  
Sem saber muito bem onde o procuro.  
Movimento-me às cegas, pelo escuro,  
Exploro uma saída e não a atino.

Reúno notas p'ra compor um hino  
A este amor tão virgem e tão puro;  
Longe, porém, 'inda está o futuro  
Desta pauta que escrevo e não assino.

Anda, amor, vem segurar no meu braço,  
Ajudar-me a procurar o caminho  
Melhor para a incerteza do meu passo!

Ou dá-me a luz verde do teu olhar  
Tão prene de promessas de carinho,  
E mata a minha fome de chegar!

1988

## Poema de ouro e fel

É d'ouro e de fel este meu poema,  
Nasceu ele do mel e da amargura.  
Gota de orvalho entre tanta secura,  
Mau mote da vida e da morte tema.

Entre espinhos, é a carícia extrema  
D'olhos que são promessa de ternura;  
Entre o agreste mato é a frescura  
Do odor a alecrim e a alfazema.

Se eu pudesse ignorar meu cativoiro,  
E correr no campo, aspirando os ares,  
Sem desertar nem buscar o nevoeiro!

Se eu fosse livre destes meus pesares,  
E tu quisesses ser meu timoneiro,  
Juntos sulcaríamos quaisquer mares!

1988

## Sufrimento marca o rosto

Dizem que o sofrimento marca o rosto  
E que ainda mata mais que o veneno.  
Ora eu, que sofro desde pequeno,  
Devo ter o meu todo descomposto!

Por isso, deixem-me cheirar o mosto,  
Correr p'los campos, em todo o terreno;  
Fazer amor numa cama de feno,  
Largar no adro todo o meu desgosto!

Pois que o amor a mim nunca me viu  
Quando eu corria por entre a seara,  
P'ra me desfazer do grande vazio

Que o destino cedo me pôs na cara...  
Pois que a sorte sempre de mim fugiu,  
E a alegria em mim é coisa rara!

1988

## Para onde?

Para onde vão as núvens que correm  
Depois de formarem mil posições?  
Para onde o amor dos corações  
Quando os amantes à traição recorrem?

Para onde a cor das flores que morrem  
Depois de serem viçosos botões?  
Para onde as lágrimas, em cachões,  
Que do rosto das crianças escorrem?

Para onde vai tudo o que tivémos  
E que, em seguida, Deus logo tirou?  
P'ra quê ter, se não é nosso o que temos?...

A Vida foi luz que pouco brilhou  
Ao fundo do túnel que percorremos:  
Deus no-la acendeu, Deus no-la apagou!

1988

## Desânimo

Como posso continuar navegando  
Se o mar é tão revolto e traiçoeiro;  
Se os comidos panos do meu veleiro  
Tão a custo os ventos vão suportando?

Como posso continuar ao comando  
Sem norte, sem piloto e sem gageiro,  
Se só vejo escolhos e nevoeiro,  
E nestes abismos perdido ando?

E sei que não há porto à minha espera...  
Não há luz, não há velas, não há rumo,  
Não há esperança nem há Primavera...

Somente esta desilusão que assumo,  
Duma Providência má e austera,  
E sonhos... só sonhos feitos em fumo!

1988

## Meus filhos

Graças, meu Deus, p'los filhos que me deste,  
E p'la riqueza desse bem profundo.  
Graças, porque eles são todo o meu mundo  
E a pausa na caminhada agreste.

São a banca onde o coração investe  
Um valor que aumenta em cada segundo;  
São as imagens, com que me contundo,  
Das memórias que o passado reveste.

São a luz desta minha noite escura;  
São a cor desta revivência parda;  
São as rosas da minha sepultura

E são minha fé num anjo da guarda...  
- Meu Deus, dá-lhes o reino da Ventura,  
Traz-lhes a felicidade que tarda!

1988

## A teu lado

Ao casar tomámos o nobre ideário  
A que uma vida em conjunto conduz,  
E, dos votos a que então me propus,  
Acompanhar-te foi prioritário.

Pôs Deus filhos no nosso itinerário:  
Contigo estava quando os deste à luz.  
Também 'stou quando carregas a cruz  
Com que sobes teu íngreme calvário.

De braço dado nesta caminhada,  
Contigo estarei, enquanto puder,  
De ânimo firme e força redobrada...

E quando a tua cabeça pender,  
Por chegares ao alto da escalada,  
Olha a teu lado, que me hás-de ver!

1988

## Condenação

Não sei o peso da minha desgraça,  
Nem conheço a lonjura do caminho,  
Mas é demais para um homem sozinho  
E perdido no momento que passa!

Condenado estou, no centro da praça,  
À espera de subir ao pelourinho...  
- Corda, que ora apertas devagarinho,  
Estica e puxa firme a tua laça,

Porque é melhor no alto mar perdido,  
Sem bússola, sem estrelas e sem nada,  
Com vento forte e mar enfurecido,

Do que esta vida triste e esvaziada!  
(É que o viver não tem qualquer sentido  
Se não há pernas para a caminhada!)

1988

## Esperança urgente

As mágoas do meu peito não as digo,  
Tantas eu juntei ao longo da idade!  
Eu as sofro, sofrendo a realidade  
Que está no fim das ilusões que sigo.

Nunca mereci cantigas d'amigo,  
Nem lembranças tenho da mocidade:  
Errante vagueio na Humanidade  
Sem passado, sem rumo e sem abrigo.

Felicidade só a vejo em sonho,  
Quando emanas do meu inconsciente  
E sorris promessas à minha frente...

Raio de luz dum viver enfadonho,  
És a nuvem difusa onde deponho  
Um amor cheio de esperança urgente!

1988

## Fechem a alegria!

A alegria que passa por aqui,  
Ofendendo os tristes e os infelizes,  
É a dama negra que traz as crises  
E me persegue desde que nasci.

É uma coisa que poucas vezes vi  
No meu coração estender raízes:  
Quando a vida ilumina seus matizes,  
Logo ela me larga, e vai por aí...

Deixem-me a tristeza que eu bem conheço,  
E tem sido companheira fiel  
Deste existir amargo que mereço!

Fechem a alegria no seu bordel,  
Que eu não tenho com que pagar o preço  
Dos seus carinhos e do seu dossel!

1988

## Fazer anos?!

Fazer anos, que é isso fazer anos?  
Como fazer o que aparece feito?!  
Presunção, é esse o nosso defeito:  
Não aceitamos da vida os enganos!

Para quê dar valor a tais tiranos  
Que carregam em nós de qualquer jeito;  
Que nos tornam cada vez mais estreito  
Este exíguo caminho dos humanos?

Deixemos aos anos a liberdade  
De passar por nós e fazer-nos velhos!  
Finjamos que nunca existiu a idade!...

- Ó gentes!, atentai nestes conselhos:  
No amor está a única verdade  
E é falso o que dizem os espelhos!

1988

## Fuga

Espreito, pela renda da janela,  
A Vida em cada pessoa que passa.  
Retiro-me, p'ra longe da vidraça,  
Não me veja, a Vida, lá da vieira!

Há muito tempo que ando a fugir dela,  
Não vá querer aumentar-me a desgraça:  
Já não leva mais fel a minha taça,  
Não cabe mais pus em minha mazela!

Deixa andar a vida com quem quiser,  
Que eu não a quero mais por companhia!  
Não me dá conforto nem alegria,

Nem suaves carícias de mulher...  
Vida que só é boa p'ra quem quer,  
Não quero vivê-la, nem mais um dia!

1988

## Novo amor

Dois amores tive nesta paragem:  
Um que nasceu, outro que teve fim.  
Não sei por qual dos dois é que cá vim,  
Por qual deles fiz eu esta romagem.

Ambos merecem a minha coragem:  
P'la dor da perda e p'la esperança do sim;  
Por ambos sinto que transborda em mim  
Um querer ser feliz e uma homenagem.

Um novo amor é ferida que sara,  
É a voz dum coração que não pára,  
É um raiar de nova madrugada...

E o Hoje, que do Ontem nos separa,  
Não é traição à vivência passada,  
Mas a chama da vida reencontrada!

1988

## Tristeza

Quero-me co' a noite igualzinha a mim;  
Quero-me co' a chuva que cai na lama;  
Quero-me co' a tristeza que me ama  
E co' a saudade que me pôs assim!

Quero-me co' esta mágoa sem ter fim;  
Quero-me co' a ilusão que me reclama;  
Quero-me co' amor que não se açama  
E co' as ervas rasteiras do jardim!

Quero-me preso da tua sentença;  
Quero-me ateu, sem ter voto nem crença,  
Nem rumos que levem a qualquer deus!

(Quando quis voar até aos teus céus,  
Fecháste-me as asas com indiferença...  
Agora, só os rasos chãos são meus!)

1988

## Coração ignorante

O meu coração é analfabeto,  
Não sabe ler nas linhas dos teus olhos:  
Lança-se ao mato sem ver os abrolhos  
Que lhe apontam o seu espinho erecto,

P'ra rasgar e dilacerar o afecto  
Que floresce, indiferente aos escolhos  
E mil p'rigos que espreitam nos restolhos  
Deste meu triste e tormentoso gueto!

- Coração, ó coração ignorante!,  
Não avances sem saberes o caminho,  
Não te julgues doutor, sendo estudante!

- A escrita do amor é paleografia  
(Com regras que é preciso decorar),  
E tu não sabes nem caligrafia!

1988

## Por dois amores

Por dois amores eu subi à Estrela,  
Enquanto este coração se agitava,  
Transbordante de amor e de lava,  
Numa postura anelante e singela.

O Amor, que não tem regra ou tabela,  
Com dor e desengano me premiava:  
Matou-me o que recém-nascido estava  
E deixou-me o que jaz na eterna cela.

Não sei que fazer deste coração,  
Que não logra passar p'ra além do sonho!  
Até mesmo nos versos que componho

Não consegue esconder-se da ilusão!  
- Ah!, se não mudares de direcção,  
Acaba de bater, que eu não me oponho!

1988

## Poesia e verdade

Há crise de amor sempre que um soneto  
Força as portas deste meu coração.  
Presta-se esta poética canção  
A trazer os desgostos para o coreto.

Hoje, de novo às musas me submeto,  
Embora sabendo já de antemão  
Ser de poeta mera imitação  
E não saber as faltas que cometo.

Sou poeta só no meu pensamento:  
Ajo quando ele anda em baixo, sofrido  
De algum amor ingrato e desatento...

Poeta sou, mas da sinceridade:  
O soneto que me sai do sentido  
Não terá poesia, mas tem verdade!

1988

## Enfermeira

Enfermeira, adorável companheira  
De quem, como eu, está tão carente,  
Dá remédio ao meu coração doente  
E vem fazer teu turno à minha beira!

Fica comigo pela vida inteira,  
Não te maces a tratar outra gente:  
Quero-te minha enfermeira somente,  
Reserva p'ra mim a tua canseira!

Oh!, eu serei o mais feliz enfermo,  
Suspirando estarei p'lo tratamento,  
Ansioso por que venhas fazer-mo...

Enfermeira, acaba com meu tormento:  
Veste a branca bata e vem pôr-lhe termo;  
Cura minhas asas, lança-me ao vento!

1988

## De ânimo perdido

Porque será que apenas agressões  
Tenho para receber neste mundo?  
Porque será que só o «Não» rotundo  
É resposta p'ra certos corações?!

Para que serão tantos encontrões  
Se ando de rastos já bem no fundo?  
Se já não tenho paz, nem um segundo,  
Se já sofro há imensas gerações?!

Não sobrecarregues, ó Deus, meu fardo;  
Não ponhas mais gotas na minha taça  
E não espremas mais minha ferida!

Não desesperes, Morte, que eu não tardo:  
Só quero ver se o Amor por mim passa  
Antes que tu me leves desta vida!

1988

## Nem feliz nem poeta

Só os infelizes falam em verso,  
Que só assim é possível fingir!  
(Os felizes podem sempre sorrir,  
Porque o Destino não lhes é adverso).

Tem este mundo preceito diverso:  
Aos poetas desenvolve o sentir,  
Aos outros dá o prazer d'existir:  
Têm ambos, no outro, o seu reverso!

Mas eu, que feliz não sou nem poeta,  
Que lugar tem p'ra mim este mundo  
Dos mortais, desta forma bipartido?

Ah!, por isso não acho minha meta;  
Por isso eu me embaraço e me confundo;  
Por isso esta vida não faz sentido!

1988

## No jardim

Quando passei, a roseira chorava  
Por lhe colherem seu melhor botão.  
Encostei-me a ela, com mansidão,  
Enquanto de dor o jardim murchava.

Disse-lhe que o seu botão perfumava  
A alva toalha do frio caixão  
De outra flor, também colhida em vão,  
Quando tão vicejante ainda estava.

Olhou-me, a roseira, e calou seu pranto.  
Abraçou-me, encolhendo os seus espinhos,  
E irmãos ficámos em nossas dores.

Refugiou-se a tristeza em seu manto,  
As aves enlaçaram-se em seus ninhos  
E fez-se o jardim de todas as cores!

1988

## Fugaz visão

Vi minha amada ao longe e tive medo  
De que seja em vão todo este querer;  
Só eu a vejo, ela não me quer ver:  
Em liberdade, vivo o meu degredo!

Silenciai, pardais do arvoredó,  
Vosso concerto do entardecer:  
Preciso de silêncio p'ra entender  
Esta magoada voz do meu segredo!

Trazei a mim o silêncio da noite,  
Porque ele me põe no sentido a imagem  
Que há pouco foi uma fugaz visão...

Pedirei à escuridão que me acoite,  
Que empreste sentido à minha mensagem,  
Que faça jus a mais esta ilusão!

1988

## Militância

Tem o amor essência peculiar  
Que o torna boçal e desconcertante:  
A coisa amada desconhece a amante,  
E esta só nela ocupa o pensar!

Amor feito de humor singular,  
Este querer fanático, ignorante;  
Crer no que se quer, um crer militante,  
Sem trocas, sem futuro, sem altar!

E eu, do amor triste peregrino,  
Romeiro me assumo por devoção,  
Buscando minimizar minha ânsia...

Quem pudesse ter o poder divino,  
Que deitasse amor no teu coração  
P'ra retribuir a minha militância!

1988

## Univocação

Não me lembro como foi, e nem quando,  
Preso fiquei nas apertadas malhas  
De que te munes, e que à volta espalhas  
Com teu encanto angélico e nefando.

Na força insana com que estou amando  
Não consigo prender-te em minhas tralhas;  
O amor que te dou são acendalhas  
Na fogueira dum desprezo execrando.

Porquê te não prendo nem me liberto,  
E, qual rio que corre só para um lado,  
Condenado estou a viver assim?

Ó meu Deus, tu não vês que não está certo;  
Tu não vês que está totalmente errado  
Eu amar e não me amarem a mim?!

1988

## Tirania

Pôs Deus em tuas mãos tanto poder,  
(Que exerces com tanta tirania)  
Que eu me sinto sujeito, noite e dia,  
Numa prisão que mói e faz doer.

Cativo, agrilhado por querer,  
De tão despótica soberania,  
Anseio a liberdade e a alforria,  
E a preguiça do alvorecer.

Prisioneiro marchando sem escolta,  
Açoitado até aos confins da dor,  
Errando pelas campinas desertas...

Eu queria amainar esta revolta  
Que me traz subjugado ao teu amor,  
E voltar à paz das almas libertas!

1988

## O meu jardim

Na doce quietude do meu jardim  
As aves do céu fazem o seu ninho.  
Namorados prendem-se p'lo beicinho  
E as flores brilham, em seu galarim.

Voa uma andorinha direita a mim:  
Quer consolar-me com o seu carinho  
E, com suas penas de negro e linho,  
Aparar-me as saudades de onde vim.

- Colorido éden acolhedor,  
Quero-te verdejante à minha espera!  
Quero que tenhas sempre esta frescura

Quando aqui vier, peitado de amor...  
E, através duma prece sincera,  
Concentrar em ti a esperança futura!

1988

## Farol

Inconstante me sinto e irascível,  
Impaciente, excitado e leviano:  
Quaisquer atitudes me causam dano,  
Só desejo o que ter não é possível!

A quem culpar por estar tão sensível?!  
Não é Deus que rege o sentir humano?  
E quem me deu um destino tirano,  
Sem amor, e uma solidão horrível?

Então, deixa sonhar meu coração!  
Deixa que à minha noite venha o Sol  
Aquecer mais o peito que já escalda;

Deixa-me estar imerso na ilusão  
Desta cegueira que tem por farol  
Teus belos olhos verdes d'esmeralda!

1988

## Vai tudo para ti

Tenho de amor um coração cheiinho,  
Que está à ordem da tua vontade:  
Em troca duma simples amizade  
Punha-o no teu peito todo inteirinho.

Mas cada qual possui o seu caminho  
(que estreita à medida que alarga a idade).  
Este meu já é fino, na verdade,  
Mas mais será se o percorrer sozinho!

Reparte, amor, comigo, o amanhã:  
Toma a mesma luz, infla ao mesmo vento,  
Acolhe meus sonhos na tua vida...

E o amor que acumulo com afã,  
Mais as ilusões do meu pensamento,  
Vai tudo p'ra ti, sem contrapartida!

1988

## Hora da visita

Passam pessoas com ramos de flores,  
Semblante duro, passada expedita...  
No hospital é hora da visita,  
Turbilhão de anseios e de temores!

E eu, ciente que sou desses humores  
(E tenho um' alma magoada e contrita),  
Mergulho na minha enorme desdita  
E maldigo da Vida os seus valores.

É ela uma pedrada que se atira  
E vai cair sempre na sepultura:  
Subindo devagar, cai de repente...

Tudo nela é a mais pura mentira:  
Até as flores, e a sua formosura,  
Irão murchar ao lado do doente!

1988

### «Terrível doença»

Portador sou de «terrível doença»  
Que, sem doer, me causa sofrimento.  
Não há remédios nem há tratamento,  
Nem rezas que a ela ponham detença.

Foi adquirido (não é de nascença)  
Este mal que tanto a custo eu aguento.  
E eu bem sei o preciso momento:  
Foi quando me «feriste» de indiferença!

Agora ando em demanda duma estrela,  
Que me traga a luz à vida e a cura  
P'ra este mal-estar sempre letente...

- Ou então, que Deus me faça esquecê-la  
(a causadora da minha amargura)  
E me dê forças p'ra passar à frente!

1988

## Fim

O fim é quando atingimos a meta  
Que passa lá, por onde a vista alcança;  
O fim está nos horizontes da esperança  
Que estão além da distância correcta.

O meu fim é procurar uma seta  
Que dirija este amor que cresce e avança;  
Que ao teu coração imprima a mudança,  
Despojando-o dessa indiferença abjecta,

O meu fim espero-o calmo e sereno,  
Porque acredito que uma boa fada  
Te fará um dia gostar de mim...

E a saudade com que me enveneno  
É o estimulante da caminhada...  
Porque tu és meu derradeiro fim!

1988

## Brisa de Agosto

Como invejo os casais que se passeiam  
Nesta cálida noitinha de Agosto!  
E a fresca brisa a bater no rosto,  
Como adensa as mágoas que m' incendeiam!

Como invejo as famílias que ali ceiam  
Naquele restaurante tão bem posto!  
E a aliança entre a gula e o gosto,  
Como se exhibe, enquanto se saceiam!

A caminho da minha solidão,  
Embrenhado na dor que me consome  
Invoco o meu amor distante e digo:

- Abre, às brisas de Agosto, o coração!  
Vem junto a mim livrar-me desta fome:  
Dá-me o teu braço e vem passear comigo!

1988

## Império do sonho

Vou resignar ao Império do Sonho  
Onde ocupo o trono e sou o senhor;  
Vou fazer da verdade no amor  
Paradigma dos versos que componho.

Neste despertar a que me disponho,  
Quero duvidar seja do que for,  
Aceitar da realidade o rigor  
E esquecer o reino que deponho.

Não quero mais insistir na ilusão  
De que terei lugar em teus sentidos;  
Vou tentar não olhar mais para trás...

Tu tens do homem outra dimensão,  
Outros horizontes são teus preferidos,  
E eu vou partir em busca de paz!

1988

## Renascer

Não sei o que tenho nem o que sinto,  
Tão desnortado ando e confuso!  
Situio-me no mundo como intruso  
Preso às ilusões por que vivo e minto!

O quadro da vida de negro o pinto,  
Porque às alegres cores eu recuso  
A entrada neste meu viver obtuso,  
Triste, desagradável, indistinto...

Eu queria ver chegado o meu fim;  
Cortar com este sofrimento atroz  
E aparecer de novo noutro mundo!

Queria renascer fonte de jardim:  
Ter o rumorejar por minha voz,  
Ter a esperança por minha cor de fundo!

1988

## Vinte e três de Abril

Foi no sábado, vinte e três de Abril,  
Que se pôs insensível e gelada:  
Estava ali a última jornada  
Duma vida traiçoeira e hostil.

Nem toda a ternura, por mais subtil,  
Igualava a doce face vidrada...  
E o amor, que então faltou à chamada,  
Ali jazia, tranquilo e gentil!

Sofreu quanto era possível sofrer,  
Por ordem da divina providência  
Que tem nos destinos a autoridade...

Morreu quando começava a viver,  
Vítima da excelsa onipotência  
Dum deus injusto, sem dó nem piedade!

1988

## Competição

Sinto que a inspiração me foge e evita  
Quando trago o coração mais sereno:  
As musas só se excitam em terreno  
Onde a amargura floresce e habita.

Não consigo que a poesia compita  
Com um estado de alma calmo e ameno:  
Sinto o pensamento ficar pequeno  
Sempre que tento passá-lo à escrita.

E eu cá estou nesta competição  
Entre a poesia e a tranquilidade,  
(Ambas afagando com o mesmo apego...)

Infeliz por não achar solução  
Que prove qual é melhor qualidade:  
Se ser poeta ou se ter sossego!

1988

## Sem reino nem império

Tudo o que penso resulta incapaz  
Quando a realidade emana e se apura:  
Pó de felicidade que só dura  
Enquanto a ilusão se não desfaz!

Ó pensamentos meus, deixai-me em paz  
Com o dia de hoje e a fé futura:  
Quero ir c' o meu espírito à aventura,  
Sem pensar naquilo que está p'ra trás!

É que estou farto de ser enganado  
Por este meu ingénuo pensamento  
(Que eu tenho insistido em levar a sério)...

Quero-me com o intelecto parado,  
E ser folha levada pelo vento,  
Que não tem reino nem conhece império!

1988

## Amor e Amizade

Amor e amizade são bens naturais,  
Mas que, no ser humano, custam caro.  
A amizade é hoje um bem muito raro,  
E o amor, esse, nunca é de mais!

Há frases que agriem como punhais:  
Fazem feridas que não têm reparo.  
A amizade sangra a cada disparo  
E o amor não cicatriza jamais!

Ora tu, que apunhaláste o meu peito,  
Que desprezas o amor e a amizade  
(E que cativo me tens mesmo assim),

Atira-me palavras sem defeito,  
Que não ponham mentira na verdade  
Do imenso amor que colhes de mim!

1988

## Começar de pequenino

Que me importa o tempo que já passou,  
Se na vida tive tão pouco bem?  
Eu só me interesso pelo que vem  
E pelo caminho por onde vou!

Para quê recordar o que acabou,  
Se a lembrança pára sempre em alguém?  
Eu só quero lembrar o que convém  
E libertar-me da dor que ficou!

Eu quero é voar, voar sem destino,  
Alto, muito alto, sobre as alturas;  
Longe, bem longe de tudo o que fiz...

Eu quero começar de pequenino,  
Quero evitar desgostos e amarguras,  
Quero, enfim, começar a ser feliz!

1988

## Vantagem de sonhar

Saborosos instantes em que sonho  
Com recados de amor no teu olhar;  
Com teu inquieto e meigo suspirar,  
Com teu rosto delicado e risonho!

Momentos ditosos em que suponho  
Que a meus braços, um dia, hás-de chegar!  
(São as vantagens que tenho em sonhar,  
Porque o futuro é assim que o componho!)

Oh!, deixem-me viver de convicções  
E recusar-me a aceitar a verdade!  
Pode ser que engane a felicidade,

(Que se entretém com outros corações)  
E que ela deixe em paz as ilusões  
P'ra embalarem meus sonhos à vontade!

1988

## Quarenta anos

Quarenta anos, idade madura!  
Uga-se, aos molhos, a experiência feita;  
Alisa-se a fugaz ruga que espreita;  
Retoca-se o branco fio que apura!

Esconde-se o desejo de ternura;  
Nega-se o amor à alma sujeita;  
Torna-se a amizade bem mais estreita;  
Adia-se a convivência futura!

A idade é uma ilusão da nossa mente:  
Não existe quando o coração sente  
Instinto de amor e felicidade...

Ternura dos quarenta! Quem me dera,  
Outono meu, tornar à Primavera:  
Segurar o tempo e ignorar a idade!

1988

## Temperamento

Nao sei que mágica força me atrai  
Para ti a toda a hora e momento,  
E não obstante o mau temperamento  
Que da meiga figura sobressai.

Maldição esta que sobre mim cai  
Colocando-me em constante tormento:  
Quero expulsar-te do meu pensamento  
Mas tenho um coração que me retrai.

És, assim, minha luz e meu calvário,  
Meu sonho e meu desejo libertário,  
Meu destino e minha alma vazia...

És o duro chicote que me agride  
Quando, cansado de afanosa lide,  
Repouso nos braços da fantasia!

1988

## Desavença

Com o meu sentido me desavim,  
Porque ele me engana, ilude e convence.  
Este sentido que manda que pense  
Em quem por certo nunca pensa em mim.

Um sentido que nada tem de afim  
Com o que à realidade pertence:  
Sentido que me abate e que me vence,  
E que me encerra nesta angústia assim.

Queria ficar de todo insensível  
Para questões de amor e de amizade;  
Para as de alegria e de sofrimento...

Queria ser amorfo e invisível,  
Não abrir os olhos senão na idade  
Em que se não sofre de sentimento!

1990

... ao amor

Dedico ao amor este meu poema  
Feito da nata das gemas do luar,  
Da branca espuma das ondas do mar,  
De esmeraldas do mais fino diadema.

Dedico-o à solução de um problema,  
Que era no teu coração ir morar;  
Dedico-o a quem retribui tanto amar  
Que promete a felicidade extrema.

E queria ser o homem ideal:  
O amante, o marido, o companheiro,  
O guardião das primaveras finais...

Dar-te em meus beijos a força total;  
Dar-te em meus abraços o mundo inteiro  
E ser teu, seres minha e nada mais!

1992

## Esmeralda

Esmeralda, és a rainha das jóias:  
Tens o encanto de um amor-perfeito,  
A ternura de uma criança ao peito,  
O verde da floresta de sequóias;

És a luz que penetra as clarabóias,  
A força deste gostar insuspeito,  
O sonho com que me levanto e deito,  
O garbo de um cortejo de tipóias.

Esmeralda: a fortuna que procuro,  
Encerra-la em teu peito, está contigo.  
Arrebatá-la é a minha esperança,

E, com minhas asas de aço puro,  
Defendê-la de um qualquer perigo  
E deixar em seu lugar a confiança!

1992

### «Tio Patinhas»

A distância, o amor e a saudade,  
Três jóias que a Natureza me deu:  
É tão elevado o seu valor que eu  
Me julgo o Tio Patinhas da cidade.

(Mas eu sou milionário de verdade,  
Porque a fazenda que me enriqueceu  
Vem toda do peito que te elegeru  
Por capital, por juro e anuidade).

À distância, a saudade aumenta o amor;  
Este aumenta a saudade com a lonjura;  
Esta é tão grande que eu muito estico

Meu pensamento ao reino do Senhor...  
- De todas três é tamanha a fartura  
Que estou ficando cada vez mais rico!

## Devolve-me ao sonho

Devolve-me ao sonho donde parti  
Quando me chamáste na escuridão,  
Vieste a mim e me estendeste a mão,  
Quando tão longe eu já estava de ti.

Repõe-me no desprezo que senti  
Quando roguei o teu amor em vão;  
Entrega-me de novo à solidão  
Porque o meu mundo não é este aqui.

Não é falso, cão, irreal e louco:  
Nele são ricos os que têm paz...  
Paz que eu não tenho e sei bem porquê:

Porque quero tanto, tendo tão pouco!  
Porque o amor não é moeda capaz:  
Não tilinta, não brilha, não se vê...

1994

## Gosto amargo de gostar

É o meu gosto amargo de gostar,  
Que por aí colhe fel à mão-cheia;  
Que vai ao ar e cai, de volta-e-meia,  
Que me diz que estou vivendo a sonhar.

É este meu permanente acordar  
Que mantém meu espírito numa teia:  
Teia que ora desenrola, ora enleia,  
Em constante ir, em eterno ficar.

Quem foi que me pôs no centro dos ventos,  
Sem parede, sem tecto e sem cabana?  
Quem foi que disse que o amor emana

De peitos fechados a sentimentos?  
- Rico eu fosse, de bens e argumentos  
Biológicos da natureza humana!

1994

## Se não sou nada...

Se não sou nada, senhor, porque é  
Que me dás coisas de quem é feliz?  
Por que é que, constantemente alguém diz:  
Muito longe tens o que está ao pé!

Se não sou nada, p'ra que quero a fé  
Em destino de tão feio cariz?  
Porquê sofrer p'lo que fiz e não fiz,  
Se não sou nada e nem existo até?

Já me afastei da idade das quimeras,  
Já reparti co' a morte os pensamentos.  
Porquê, então, sonhar com primaveras?

Porquê acreditar em bons momentos,  
Se, do nada só o nada se espera,  
E sou um vazio inflado p'los ventos!

1995

## Quero...

Quero voltar aos tempos de poeta  
E vogar ao ritmo da fantasia,  
E ter a solidão por companhia:  
Amar, ou não, sem início nem meta.

Quero reaver a humildade concreta,  
E não ter nada, além da luz do dia.  
E da pena, da escrita e da poesia  
Quero ter a liberdade completa.

Quero deixar pr'a trás as ilusões,  
Os sonhos, as quimeras, as ambições,  
E viver só a minha realidade.

Porque, se acordo agora deste sonho,  
Não quero ter aquilo a que me oponho:  
Que é parecer e não ser de verdade!

1995

## Volto a ti, jardim!

Volto a ti, jardim das minhas tristezas,  
Venho beber do teu verde de esperança;  
Venho buscar alento e temperança  
P'ra encarar estas minhas incertezas.

Venho encomendar vidas indefesas,  
Venho pedir p'ra elas a mudança...  
Venho descerrar, na minha lembrança,  
Um alvo altar de mil velas acesas!

Quantas vezes, jardim, nestes sete anos  
(completos neste 23 de Abril),  
Em ti depositei as minhas mágoas!

Outra vez te trago os meus desenganos  
Duma pseudo-felicidade fútil  
A implorar protecção das bentas águas!

1995

## Coração incompetente

Eu não sei sondar os olhos da gente:  
Julgo ver amor em qualquer olhar!  
Penso abrir corações, de par-em-par;  
Creio que o que eu sinto, alguém o sente!

Assumo assim o amor ingenuamente:  
Franco, recíproco, solene, alvar...  
Mas são difíceis as artes de amar,  
E eu tenho um coração incompetente!

Que fazer, se leio amor nos teus olhos  
E tu me dizes que estou enganado?  
Os olhos dizem sim, tu dizes não...

Não sei como remover os escolhos,  
E meu frágil navio tenho encalhado  
Entre o teu olhar e o teu coração!

1995

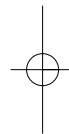
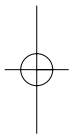
## Índice

Nota prévia .....	5
Dor e poesia .....	7
Sonho .....	8
Ventos de mudança .....	9
Angola .....	10
Tempo .....	11
Jeito de poeta .....	12
Falência .....	13
Politiquire .....	14
Testemunho .....	15
Andorinha .....	16
Vã saudade .....	17
Galope .....	18
Aprendiz de poeta .....	19
Musas .....	20
Sensualidade .....	21
Chama .....	22
Sou um rei .....	23
Chove na estrada .....	24
Ao telefone .....	25
Rejuvenescimento .....	26
Ir contigo .....	27

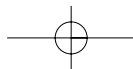
Sonhador .....	28
Fome de amor .....	29
Quisera... ..	30
Desabafo .....	31
Timidez .....	32
Mãe .....	33
Erosão .....	34
Quimera .....	35
Fazer anos .....	36
Antítese .....	37
Cavaleiro andante .....	38
Impacto .....	39
Confusão .....	40
Só tu .....	41
Pai .....	42
Melancolia .....	43
Exigência .....	44
Farto .....	45
À deriva .....	46
Adultério .....	47
Balanço .....	48
Injustiça .....	49
Vida e morte .....	50
Nada! .....	51
Insaciedade .....	52
Natal .....	53
Mentira .....	54
Anseio .....	55
Ano Novo .....	56
Bruma .....	57
Única saída .....	58

Passos perdidos .....	59
Abandono .....	60
Erotismos .....	61
Desespero .....	62
Promoção .....	63
Deus ou o Diabo .....	64
Luz verde .....	65
Poema de ouro e fel .....	66
Sufrimento marca o rosto .....	67
Para onde? .....	68
Desânimo .....	69
Meus filhos .....	70
A teu lado .....	71
Condenação .....	72
Esperança urgente .....	73
Fechem a alegria! .....	74
Fazer anos?! .....	75
Fuga .....	76
Novo amor .....	77
Tristeza .....	78
Coração ignorante .....	79
Por dois amores .....	80
Poesia e verdade .....	81
Enfermeira .....	82
De ânimo perdido .....	83
Nem feliz nem poeta .....	84
No jardim .....	85
Fugaz visão .....	86
Militância .....	87
Univocação .....	88
Tirania .....	89

O meu jardim .....	90
Farol .....	91
Vai tudo para ti .....	92
Hora da visita .....	93
«Terrível doença» .....	94
Fim .....	95
Brisa de Agosto .....	96
Império do sonho .....	97
Renascer .....	98
Vinte e três de Abril .....	99
Competição .....	100
Sem reino nem império .....	101
Amor e amizade .....	102
Começar de pequenino .....	103
Vantagem de sonhar .....	104
Quarenta anos .....	105
Temperamento .....	106
Desavença .....	107
... ao amor .....	108
Esmeralda .....	109
«Tio Patinhas» .....	110
Devolve-me o sonho .....	111
Gosto amargo de gostar .....	112
Não sou nada, senhor .....	113
Quero... ..	114
Volto a ti, jardim! .....	115
Coração incompetente .....	116



Lisboa, Dezembro de 1999  
**Colibri - Artes Gráficas**  
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa  
Alameda da Universidade  
1699 LISBOA CODEX  
Tel/Fax 796 40 38  
*Internet:* [www.edi-colibri.pt](http://www.edi-colibri.pt) - *E-Mail:* [colibri@edi-colibri.pt](mailto:colibri@edi-colibri.pt)





Albertino da Silva Calamote é um beirão nascido em Salvador (Penamacor) em 28 de Novembro de 1937. Aposentado do Exército ao fim de uma carreira de 37 anos, sendo dez em África, é licenciado em História e possui cursos de pós-licenciatura, em Ciências Documentais e em Técnicas Editoriais, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Esteve ligado à imprensa militar, e nela deixou diversos escritos de âmbito cultural e castrense, nomeadamente nas áreas documental e da História Militar.

*Dor e Poesia* é o seu primeiro livro de poemas, onde depositou, na forma de sonetos, o largo pecúlio de um sentir profundo e de uma grande alternância de estados de alma, relacionados com um período particularmente marcante da sua existência, o qual, entre desgostos, dúvidas e alguns ensinamentos, lhe deixou pelo menos a certeza de que

«Dor e poesia andam de mãos dadas  
E de paredes meias com a tristeza;  
São o choro e o canto que a Natureza  
Concedeu às almas amarguradas.»



Edições Colibri